

Ser Mulher, Ser Cáritas!

11 de março de 2016

Pensei que para escrever bastasse estar inspirada! Então, ser mulher e comemorar os 60 anos da Cáritas, já seria minha inspiração para costurar algumas palavras. O fato é que quando tentei costurá-las, furei os dedos com a agulha. Na verdade nunca fui prendada, portanto costurar não foi a melhor escolha. Mas o que fazer então com tantas palavras que florescem ao me perceber uma mulher Agente Cáritas? Catei minhas palavras e levei para cozinha: Várias possibilidades surgiram! Não tivesse tido a oportunidade de ser militante do movimento estudantil, conhecer freiras “rebeldes” e me tornar agente Cáritas, talvez pegasse a afirmação de Rubem Alves, invertesse e dissesse: “sou mais competente com as panelas do que com as palavras”.

Mas na verdade, não quero negar nem a escrita, nem as panelas, já que minha mãe me ensinou com tanta dedicação e amor a cozinhar, e ao mesmo tempo deu seu sangue para que suas filhas pudessem estudar. Por isso com as palavras, resolvi fazer um pão, tentando entender qual fermento seria necessário para que elas crescessem, mas ficassem leves, e qual açúcar seria suficiente para deixá-las saborosas, mas não enjoativas.

A palavra que não vem à cabeça, simplesmente porque não sai dela, é SOLIDARIEDADE, é pois, o primeiro ingrediente que juntei à farinha. Pensei em compará-la com o açúcar, mas ela, nas ações de Cáritas é de tamanha quantidade, que me lembrei que muito açúcar faz mal e solidariedade não. Talvez seja ela, o fermento, pois nos faz crescer e dá a leveza às nossas ações. A Cáritas não me ensinou a ser solidária, não poderia tirar esse mérito da mulher que me pariu, mas é sem dúvida a rede na qual eu consigo a cada dia, no meu processo de empoderamento, ser solidária a tantas outras mulheres que necessitam passar por esse processo e que solidárias a mim, também me ajudam a ser mulher: catadoras, ribeirinhas, donas de casa, religiosas, cientistas, sociólogas, militantes, artistas, estudantes...

A NEGRITUDE é o ovo, não pela sua função na massa, mas porque o quebrar a casca representa a quebra das cascas que, antes de ser agente Cáritas, me impediam de me assumir por inteira o meu eu mulher negra. Nesse processo de valorização da gema, me percebo linda com meus traços afrodescendentes, não só o pé na senzala, mas o corpo e a alma, me reconheço mulher negra, segura de minha beleza negra, mas atenta e crítica a todos os assédios que me agredem, não por meu corpo ser volumoso, mas simplesmente por ser mulher. É fato que a superação da nossa sociedade machista, sexista e racista

ainda está longe de chegar, por isso ser mulher agente Cáritas me possibilita ter uma outra postura diante dessa realidade.

Ingrediente indispensável também é a água, e essa eu comparo com a palavra AMOR, é a que dá a liga, que gera vida, que cuida da vida. Sem esta, tudo seria em vão. Nessa labuta de Cáritas a gente se sente amada e aprende a amar também o que é diferente, a amar sem medida a vida e através do cuidado, ensinar a amar.

Poderia citar todos os ingredientes, mas resolvi ficar com os essenciais, para sobrar linhas que permitam parabenizar a agradecer todas as mulheres amigas que contribuem para minha formação enquanto mulher e expressar que escolhi o pão, porque o fazer pão é uma atividade historicamente atribuída à figura masculina (padeiro), mas que nós mulheres também fazemos. Quero assim dizer que ser mulher agente Cáritas é também entender que “lugar de mulher é aonde a gente quiser” lutando por dignidade, pela efetivação de direitos e vivendo a solidariedade!

Amanda Santos Silva – 27 anos – Agente Cáritas do Regional NE3